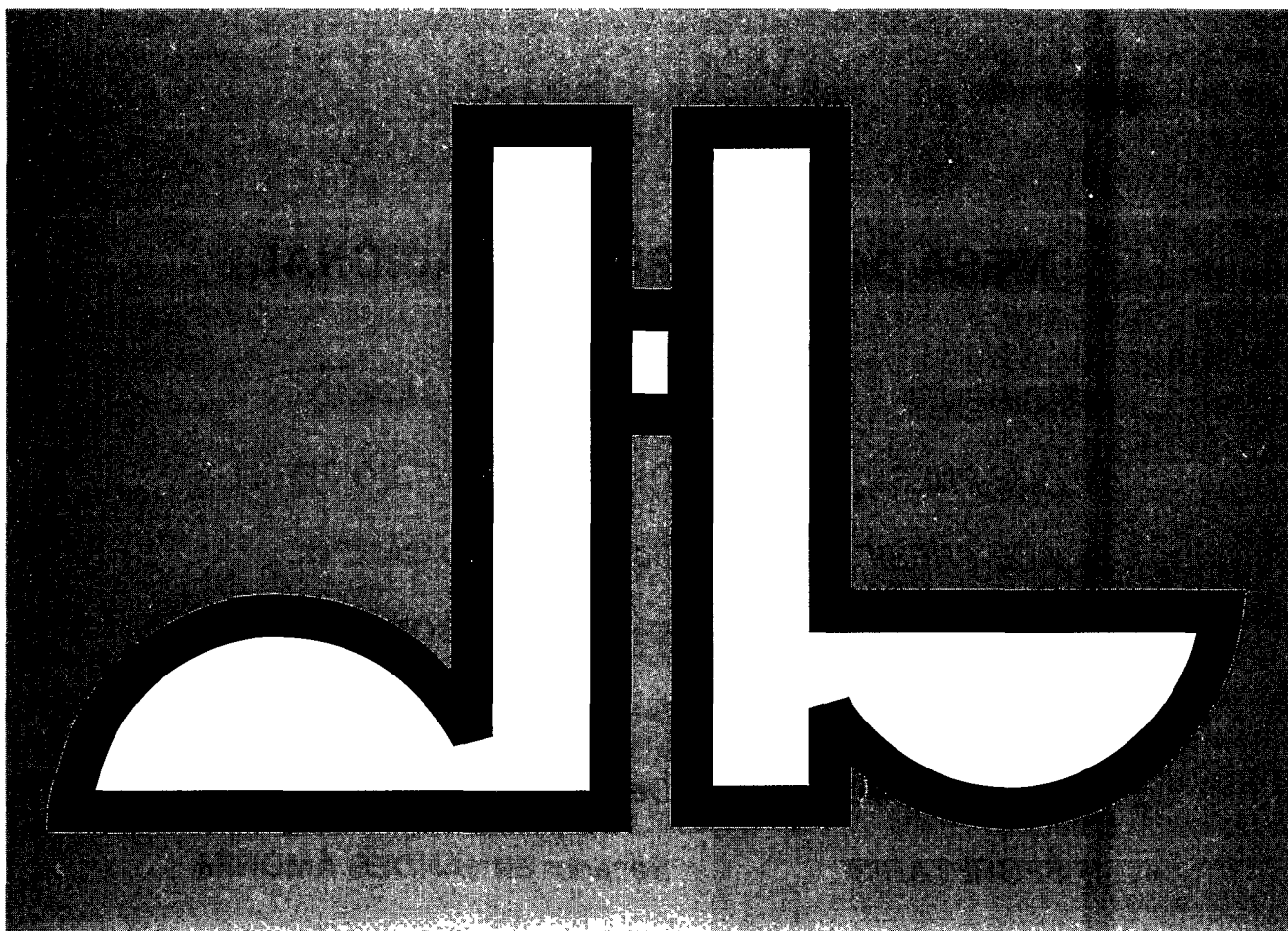




República Federativa do Brasil



DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL
SESSÃO CONJUNTA

MESA DO CONGRESSO NACIONAL

PRESIDENTE

Senador **JOSÉ SARNEY**

1.º VICE-PRESIDENTE

Deputado **RONALDO PERIM**

2.º VICE-PRESIDENTE

Senador **JÚLIO CAMPOS**

1.º SECRETÁRIO

Deputado **WILSON CAMPOS**

2.º SECRETÁRIO

Senador **RENAN CALHEIROS**

3.º SECRETÁRIO

Deputado **BENEDITO DOMINGOS**

4.º SECRETÁRIO

Senador **ERNADES AMORIM**

CONGRESSO NACIONAL

Termo de Reunião

Aos vinte e seis dias do mês de março do ano de mil novecentos e noventa e seis, às onze horas, o Presidente do Senado Federal, Senadores e Deputados, autoridades civis, militares, diplomáticas e eclesiásticas receberam, no Salão Nobre do Senado Federal, o Doutor Eduardo Frei Ruiz-Tagle, Presidente da República do Chile. O Senhor Presidente José Sarney esclareceu ao ilustre visitante da impossibilidade da realização, no Plenário do Senado Federal, da sessão solene do Congresso Nacional, convocada para recebê-lo, em virtude da falta de energia no sistema de Furnas, que atingiu o Distrito Federal, os Estados de Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso e parte de Tocantins e que, em decorrência, a recepção se realizaria naquele local. Em seguida, o Senhor Presidente José Sarney concedeu a palavra ao nobre Senador **Jefferson Peres**, que assim se pronunciou: “Excelentíssimo Senhor Presidente da República do Chile. A incumbência de saudar a nação chilena, na pessoa de V. Ex^a., constitui missão não apenas honrosa, mas também leve, fácil e prazerosa, tantos são os motivos que nos impelem a gostar da sua terra e da sua gente. A começar pela tradição de um continuado relacionamento jamais alterado por arranhões ou fissuras, ajudado talvez pela cumplicidade da geografia, que, pelo distanciamento físico, nos poupou de conflitos e contenciosos fronteiriços. Esse passado comum de amizade ininterrupta, foi marcado ainda por coincidências e semelhanças, que igualmente contribuem para nos aproximar e nos unir. Desde o período colonial, coincidente em duração e cronologia, a partir do início, quando Pedro de Valdivia chantou o marco de posse, no cerro Santa Lucía, até a libertação, conquistada por Bernardo O’Higgins no lance glorioso de Maipu. Não foi muito diferente a fase pós-independência, convulsionada por movimentos secessionistas e lutas fratricidas, seguida de uma longa era de paz e prosperidade internas, abaladas por guerras externas, a que fomos arrastados a contragosto, contra países vizinhos. Como se não bastassem as coincidências, nossos povos se angustiaram ainda com crises políticas que culminaram com a autoimolação de presidentes da República. Aqui, uma vez, com Getúlio Vargas; lá, em dose dupla, com Balmaceda, no final do século XIX, e com Salvador Allende, há vinte e três anos, sacrificado entre os escombros fumegantes do Palácio de la Moneda. Finalmente, outra semelhança trágica, no passado recente, o longo eclipse da democracia, durante três lustros no Chile e por duas décadas no Brasil, com toda a sua coorte de intolerância, iniquidade e violência. Mas paremos de falar do passado e de sombras, para falarmos de coisas presentes e luminosas. Afinal, como disse aquele que foi uma das mais altas

expressões poéticas das Américas, um dos ícones da minha adolescência, seu compatriota Pablo Neruda: *"No quiero seguir siendo raíz en las tinieblas"* *"Sólo de claridad deve vivir el hombre."*

E cheio de claridade fiquei, Sr. Presidente, ao visitar o seu país, um mês atrás, e contemplar suas belezas naturais. Trouxe gravada, certamente imperecível, em minha memória, a visão do lago Llanquihue, com suas águas esmeraldinas, margeado de verdejantes bosques de coníferas, tendo ao fundo a silhueta elegante e majestosa do monte Osorno corado de neve. Tenho perlustado alguns continentes e muitos países, mas poucas vezes deparei, nas minhas andanças, com cenário tão deslumbrante. Forçoso é confessar, no entanto, que não apenas de paisagens me embebi. Também me surpreendeu agradavelmente, e me aqueceu a alma, o contato com o povo chileno, representado pelas pessoas comuns, nas ruas, em geral afáveis, mas contidas por natural discrição, que se desfaz em sorrisos, diante de brasileiros. Impossível não se deixar seduzir pela simpatia que nos devotam e que, longe de ocultar, timbram em manifestar, de forma extremamente cativante. Mas além desses aspectos paisagísticos e humanos, impressionou-me fundamente, em seu país, a caminhada firme que empreende rumo ao desenvolvimento. O que me induz a pensar que a nação amadureceu, após as frustrações e os traumas causados pela experiência socialista e pelo regime ditatorial. Não encontro explicação melhor para a forma lúcida como fizeram a redemocratização, sem destruir o competente ajuste macroeconômico realizado pelo governo autoritário, mas complementando-o com políticas microeconômicas e redistributivas de inegável eficácia social. Como resultado, há efeitos visíveis em três dimensões. No plano político, uma transição em liberdade com responsabilidade; no âmbito econômico, um crescimento acelerado com estabilidade; e na esfera social, uma repartição dos frutos, sem distributivismo demagógico, por isso mesmo com lenta mas continuada redução das desigualdades. Isto eu pude ver e sentir. Mais do que os dados estatísticos favoráveis, o acerto da experiência chilena se revela ao observador isento pela visão das suas cidades limpas, seguras, tranquilas, sem os graves sintomas de patologia social, que marcam, como chagas expostas, quase todos os centros urbanos do chamado Terceiro Mundo. São razões de sobra para que V. Ex^a. aqui compareça, sem arrogância mas com orgulho, como representante de um país que se apresenta hoje como um exemplo, senão a ser copiado, pelo menos a ser estudado, sem preconceito, pelos demais países da América Latina. Eis por que aceitei, sem vacilação e com alegria, a tarefa que me atribuiu o presidente José Sarney, de lhe dirigir esta saudação, em nome do Senado Federal. Para usar uma frase que não é minha, lamento apenas seja *"um discurso tão pobre e tão breve, para quem veio de tão longe"*. Gostaria de lhe oferecer, como demonstração de apreço, mais do que palavras, embora estas, quando sinceras, sejam o que pode dar de melhor o ser

humano. Como reconheceu outro laureado poeta de sua terra, a quem o mundo inteiro presta reverência: Gabriela Mistral. E aqui não resisto ao impulso de lembrar que a nação chilena é culturalmente tão rica que, sendo tão pequena e tão distante dos países cêntricos, ainda assim se deu ao luxo de arrebatrar dois prêmios Nobel de literatura. Um, Pablo Neruda, que já citei; outro, Gabriela Mistral, que vou citar agora, para exaltar o valor da palavra em homenagem a V. Ex^a e ao grande povo chileno: *“El habla es la segunda posesión nuestra, después del alma -y talvez no tengamos ninguna otra en este mundo”*. Seja bem-vindo, presidente Eduardo Frei.” A seguir, o Senhor Presidente José Sarney concedeu a palavra ao nobre Deputado **Franco Montoro**, que assim se pronunciou: “Quando Brasília dava os primeiros passos e muitos duvidavam do êxito da nova Capital do Brasil, o Presidente do Chile Eduardo Frei Montalva, em visita oficial ao nosso país, no dia 5 de setembro de 1968, proferiu as seguintes palavras de significação histórica: ‘Brasília é uma tribuna de onde se pode falar a toda nossa América’. Palavras de um estadista de visão continental. Porque Brasília, além de estar situada no centro geométrico da América do Sul, tem uma vocação mística e uma realidade física, que devem ser lembradas. **VOCAÇÃO MÍSTICA DE BRASÍLIA** A vocação mística de Brasília se inicia quando é incorporada à sua história a visão profética de Dom Bosco, que, conforme antigo relato, ‘na noite que precedia a festa de Santa Rosa de Lima, em 1883, teve um sonho sobre o futuro da América e viu, entre os paralelos 15° e 20°, ao lado de um lago, o aparecimento de uma espécie de terra prometida para uma civilização do futuro’. Quem incorporou a visão de Dom Bosco à história de Brasília foi o fundador da nova capital, o Presidente Juscelino Kubitschek, que, em sua obra *‘Por que construí Brasília?’*, lembra haver lido com emoção, quando o plano da cidade já estava definido, o relato do sonho de Dom Bosco como ‘advertência profética’ (Juscelino Kubitschek, *‘Por que construí Brasília?’*, Rio 1985, pág. 19). E a população de Brasília, para perenizar essa lembrança, construiu à margem do Lago Paranoá uma capela, a Ermida de Dom Bosco, que é hoje uma das atrações turísticas da cidade. **ÁGUAS EMENDADAS** Mas, na sua configuração geográfica, Brasília tem outra característica impressionante. Dentro do seu território, na Reserva Ecológica das Águas Emendadas ocorre um dos extraordinários fenômenos hidrográficos de todo o mundo. Ali nascem, num mesmo espaço, as águas das duas grandes bacias do continente: a do Amazonas e a do Prata. Em pontos próximos afloram as águas das duas bacias. Quando afloram na direção norte, vão engordar as águas do Rio Maranhão, tributário do Rio Tocantins, afluente do Rio Amazonas. Por sua vez as águas que correm para o sul caem no Rio São Bartolomeu, e, em seguida, no Rio Corumbá, afluente do Rio Paranaíba, que vai engrossar a longo prazo a Bacia do Prata. *‘Águas emendadas*, diz o cineasta argentino Victor Del Mazo, *é união hidrográfica de dois mundos: o equatorial da hiléa Amazônica e o subtropical latino,*

diversificado nos seus vários sistemas’ (Palestra no Instituto de Engenharia de São Paulo, em 27 de agosto de 1987). E acrescenta: ‘Assim, não está longe o dia em que, sem afetar o ecossistema das Águas Emendadas, Brasília possa ter um porto fluvial interligando o continente, com a aproximação das três grandes Bacias: do Prata, do Amazonas e do Orenoco’. Esse grande canal sul americano, que irá do mar das Antilhas a Buenos Aires, não é apenas um sonho. Partes desse conjunto já estão sendo percorridas por barcos, barcaças e comboios, que transportam milhões de toneladas. Entre outras, estão nesse caso a hidrovía Tietê-Paraná, com 1600km já navegáveis e a hidrovía Paraguai-Paraná, que a partir de Cáceres, no interior do Brasil, passa pela Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai. **CHILE, PORTA DE ENTRADA PARA O PACÍFICO** Pelo sistema da intermodalidade dos transportes, num dos pontos dessa hidrovía, o porto de Corrientes, uma linha ferroviária levará grande parte da carga da hidrovía até o porto de Antofagasta, no Chile, abrindo para o Mercosul e toda a América Latina uma saída para o Pacífico. Como disse o ilustre Embaixador Heraldo Muñoz, o Chile poderá ser, para os países do Mercosul, uma entrada e saída para o Pacífico. E, como lembra o embaixador chileno no Brasil, os países do Fórum de Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico, ao qual o Chile já está formalmente integrado ‘tem uma produção equivalente à metade do PIB mundial e gera 45% do comércio mundial’. Esse dado - entre muitos outros - revela a importância da participação do Chile no sistema de integração do Mercosul. E como foi destacado na Declaração Conjunta dos Presidentes por ocasião da visita do Presidente Fernando Henrique Cardoso ao Chile em março de 1995: “Essas vias internas de comunicação serão valiosos elementos de articulação do Cone Sul, que relacionarão os países participantes entre si e esses com a Bacia do Pacífico e do Atlântico”.

INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA Esses fatos revelam a importância continental do processo de integração da América Latina e da formação progressiva de uma futura Comunidade Latino Americana de Nações. Com sua visita, Sr. Presidente Eduardo Frei Ruiz-Tagle, esse processo de integração vive hoje um dos seus grandes dias, principalmente com a histórica decisão de V. Ex^a determinando a progressiva associação do Chile ao sistema do Mercosul. E a nação brasileira, representada nesse Congresso Nacional, pelo voto direto e democrático de sua população, está alegre e feliz por recebê-lo e ouvir a voz de um estadista, cuja mensagem e prática política constitui um ponto alto na vida pública de nosso continente. **MENSAGEM DE HUMANISMO E DEMOCRACIA** Sua mensagem de ética e renovação, de humanismo democrático e de luta pela justiça social está condensada no notável pronunciamento feito por V. Exa. na Fundação Frei, em 4 de fevereiro último. Eu me permito destacar alguns trechos desse pronunciamento, para sintetizar a visão de um homem público engajado nas grandes lutas de nossos dias. São palavras suas: “A queda do muro de Berlim não foi o final da história, mais o início de outra história”.

E em outra passagem: *“Necessitamos de uma visão ética da política e da economia”*. *“Precisamos fundar uma nova democracia para aqueles que hoje são crianças, adolescentes e jovens... para sustentar o crescimento e alcançar a equidade”*. E mais adiante: *“A descentralização do Estado, a luta contra a corrupção e o fortalecimento da sociedade civil são essenciais para a governabilidade democrática”*. *“A democracia não é a flor de um dia, mas a conquista paciente de um projeto coletivo de consciência mais e mais civilizada”*. Essas palavras calam fundo na alma do nosso povo, e, especialmente na chama de esperança de nossa juventude. É por isso, Sr. Presidente que estão aqui - fazem questão de comparecer a este ato - representantes da Juventude Latino Americana pela Democracia. A JULAD. Eles vêm saudar o antigo líder dos movimentos da juventude chilena e encontram renovados motivos para repetir sua palavra de luta: *“O futuro começa hoje, ele se chama juventude”*.

ACOLHIDA DO CHILE AOS BRASILEIROS EM 1964 Sr. Presidente. Não poderia encerrar essa saudação, sem uma palavra de lembrança e agradecimento. Refiro-me à atitude exemplar do Governo Chileno ao acolher, a partir de 1964, lideranças políticas do Brasil perseguidas pelo regime militar. O Presidente Eduardo Frei não se limitou a acolher os refugiados brasileiros, mas providenciou a regularização de seus documentos e a obtenção de um trabalho condigno como professores ou técnicos nas organizações chilenas e internacionais. Entre esses brasileiros que seu pai, o Presidente Frei, acolheu fraternalmente estão Fernando Henrique Cardoso, Celso Furtado, Darcy Ribeiro, José Serra, Almino Afonso, Arthur da Távola, Francisco Weffort, Márcio Moreira Alves, Paulo de Tarso, Plínio Sampaio, e muitos outros. É este o momento propício para agradecer, em nome do povo brasileiro, o comportamento exemplar do Governo do seu país. **A VOZ DE**

UM ESTADISTA Sr. Presidente. Essa Tribuna na qual se pode falar à nossa América, terá hoje a satisfação e a honra de ouvir a voz de um estadista de nosso continente. Obrigado, Presidente, pelo exemplo de seriedade, democracia e justiça social que V. Ex^a oferece a todos nós, especialmente à juventude. A presença e a atuação de V. Ex^a vem mostrar que a procura de uma sociedade desenvolvida fraterna e justa não é um sonho impossível. E vem, acima de tudo reafirmar a lição de um grande líder latino americano, Dom Helder Câmara: *“Quando sonhamos sozinhos é só um sonho, mas quando sonhamos juntos é o começo de uma nova realidade”*.

Prosseguindo a recepção, o Senhor Presidente José Sarney concedeu a palavra ao Excelentíssimo Senhor **Eduardo Frei Ruiz-Tagle**, Presidente da República do Chile, que assim se manifestou: **“Saludo inicial** Señor Presidente, Señores representantes del pueblo del Brasil, Señoras y señores: Vengo a esta sesión solemne del Congreso Nacional de Brasil para traer el saludo fraterno del pueblo y del gobierno de Chile, así como para renovar los sentimientos de afecto y amistad que han caracterizado de manera invariable la historia de los lazos entre

nuestros dos países. Siento una gran satisfacción al estar entre los representantes del pueblo brasileno en mi calidad de Presidente de Chile, como ciudadano de un país tradicionalmente amigo de Brasil y también en mi condición de ex-parlamentario. Recuerdo, con afecto, que hace 28 años el entonces Presidente de Chile, Eduardo Frei Montalva, se dirigió al Congreso Nacional de Brasil en este mismo Plenario, marcando un hito en la relación especial entre nuestros dos países. **Los desafíos para América Latina** Hace 28 años, mi padre habló de democracia, integración y justicia social, y planteó ante ustedes el gran dilema de aquella época: "La gran interrogante es si seremos una gran región humana enferma y desintegrada o si construiremos, para nosotros y para la humanidad, un nuevo orden de progreso, una sociedad de abiertas avenidas hacia la justicia, la libertad y la paz". Casi tres décadas más tarde, los problemas prioritarios de nuestra América son los mismos; pero sus contenidos han cambiado profundamente, así como el mundo ha cambiado enormemente. Con todo, aquella interrogante aún sigue interpelándonos, dando un sentido de fondo a lo que estamos haciendo en beneficio de nuestros pueblos. Vivimos en un mundo en transición hacia nuevas formas de relación en los ámbitos político, estratégico, económico y cultural. Junto al fin de la guerra fría, el escenario mundial y regional ha visto el resurgimiento de las democracias, la apertura de los mercados, la profundización de la interdependencia y la globalización de los asuntos económicos. Muchas de estas transformaciones crearon, en su momento, un justificado clima de optimismo sobre el mundo emergente de la postguerra fría. Pero, como sabemos, en el actual contexto internacional se observan, por un lado, fuertes corrientes de afirmación de la libertad y apertura y crecimiento económico y, por otro, se constatan nuevas y violentas expresiones del nacionalismo, fervorosas afirmaciones étnicas y religiosas, tentaciones proteccionistas, así como desigualdad y exclusión social. Hoy en día -si somos capaces de continuar concertándonos políticamente e integrándonos económicamente- existe una mejor oportunidad que en las décadas del 50 o del 60 para que nuestros países de América Latina y el Caribe hagan sentir su voz en el proceso de redefinición internacional. Nuestra región llega en mejores condiciones políticas y económicas al sistema de la postguerra fría de lo que ocurría cuando las decisiones dependían de un número reducido de países, la escala de poder era más rígida y jerárquica y el escenario mundial era sumamente polarizado. **Luces y sombras de América Latina** Según el balance económico de la Cepal, en 1995 América Latina registró "un importante progreso con respecto al estancamiento y la inestabilidad que caracterizó el panorama regional durante los años 80". En la mayoría de los países de nuestra región se consolidaron moderadas tasas de crecimiento y se redujo notablemente el nivel de inflación, la cual cayó de 890 por ciento en 1993 a tan sólo 25 por ciento en 1995. Con el notable descenso de la inflación brasileña en 1995, desaparecieron las situaciones de hiperinflación que aquejaron a la región en los

últimos 15 años, y que tanto afectaron a los sectores más desprotegidos de nuestros pueblos. En este mismo sentido, según cifras de la Cepal, los latinoamericanos somos actualmente, en comparación a 1960, más instruidos, más saludables y más urbanizados, en tanto que el PIB per cápita de la región aumentó de 1.200 dólares (en valores de 1980) a 2.000 dólares. Pero, frente a este panorama alentador, subsisten en nuestra América Latina graves problemas de pobreza, exclusión social, narcotráfico y degradación ambiental. Un estudio reciente señala que el porcentaje de población latinoamericana en situación de pobreza aumentó de 41 por ciento en 1980 a 46 por ciento en 1990, mientras que la población indigente creció de 19 a 22 por ciento en ese mismo lapso. El año 2.000 la población de América Latina y el Caribe llegará a los 530 millones, 75 por ciento viviendo en zonas urbanas, muchos de los cuales serán afectados por serios problemas de criminalidad, desempleo, contaminación ambiental y pobreza. Nuestra América Latina muestra serias deficiencias en cuanto a desigualdad social. En numerosos países de la región, el quintil más adinerado de la población es entre 20 y 28 veces más rico que el quintil más pobre, mientras que en Asia el promedio es de 5 a 10 veces. En este mismo sentido, nuestra región, con escasas excepciones, sigue exhibiendo bajos coeficientes de ahorro nacional, una de las claves del progreso reciente de los llamados "tigres asiáticos". En ausencia de incrementos del ahorro interno, y sin haberse logrado todavía una solución duradera para el problema fiscal y de balanza de pagos, la vulnerabilidad de la región -medida por el incremento de exportaciones necesarias para cerrar la brecha externa-, ha venido aumentando en forma dramática: en 1990, en América Latina bastaba que las exportaciones creciesen 2,5 por ciento para cubrir el déficit; en 1994, esa cifra había saltado a 25 por ciento. Nuestras democracias recuperadas no podrán sobrevivir si persiste este panorama de desigualdad, pobreza y atraso de grandes sectores sociales. Existe el peligro real, entonces, de que tanto la trabajosa recuperación de la democracia, así como la apertura y recuperación económica, sean vistos como hechos irrelevantes o abstractos desde la óptica concreta de vastos sectores sociales que no han logrado participar adecuadamente de los frutos del progreso económico en democracia.

Crecimiento con equidad Señor Presidente, Señores Representantes, Tenemos ante nosotros un desafío ineludible: cómo compatibilizar la necesaria eficiencia y competitividad económica con una mayor justicia social. Puesto en otras palabras, cómo obtener más mercado y más sociedad. Un buen comienzo es invertir fuertemente en educación, salud y creación de empleos productivos mediante la capacitación y el apoyo a las pequeñas y medianas industrias. Hoy sabemos con certeza que la inversión en educación básica efectúa una contribución decisiva al crecimiento económico; y que con mayor educación nuestra gente puede acceder a una contribución decisiva al crecimiento económico. De modo similar, los análisis estadísticos del Banco Mundial muestran la fuerte relación existente entre mayor

igualdad en la distribución de la renta y un crecimiento económico más rápido. Desde la perspectiva de la amplia mayoría de los chilenos, la estabilidad y el crecimiento económico tienen como base el mercado. Para nosotros no existe sustituto para los mercados libres, la creatividad empresarial y la responsabilidad y el esfuerzo internos. Pero, como bien afirmó un destacado escritor de nuestra América, "el mercado es un mecanismo eficaz, pero, como todos los mecanismos, no tiene conciencia y tampoco misericordia". Hay, por tanto, que encontrar una síntesis entre economía de mercado y democracia, evitando transformar el mercado en una forma de ideología. El dogmatismo neoliberal a menudo sólo termina restando credibilidad al mercado como instrumento central para el progreso económico. La realidad indica, por lo demás, que, tanto en el plano interno como en el internacional, los límites dentro de los cuales funciona el mercado son definidos políticamente. Partiendo de la base de que no existe en el mundo una sola y única versión de la economía de mercado, debemos ser capaces de combinar su fuerza propulsora con el humanismo de la democracia, para reencontrar un diseño histórico latinoamericano solidario y participativo. Este es un imperativo político y moral de la mayor urgencia.

Integración regional Señor Presidente, Señores Representantes, En el contexto actual de reestructuración mundial y creciente globalización de los asuntos económicos, la integración regional cobra aún mayor relevancia que en el pasado. Sobre la base de un regionalismo abierto al mundo, nuestra inserción internacional puede ser más beneficiosa desde una óptica de fortalecimiento de los lazos regionales. En este sentido quisiera dejar en claro la posición de mi gobierno: América del Sur es nuestra primera prioridad. Ello en razón de nuestra historia, así como por poderosos motivos políticos, económicos, culturales y de contigüidad geográfica. Los procesos de integración exitosos, como el europeo, han sido posibles gracias a una afinidad política básica entre regímenes democráticos y a una compatibilidad en las políticas económicas de los países participantes. Hoy existe esa convergencia en nuestra región, por lo cual debemos aprovechar esta oportunidad histórica. En este sentido, quisiera reiterar la firme decisión de mi gobierno de crear un espacio económico ampliado entre Chile y los Estados parte del Mercosur. No escapará a los señores parlamentarios la importancia que tiene para América Latina una asociación de Chile con el Mercosur. Se trata de una alianza estratégica orientada a potenciar nuestras sociedades no sólo en el plano económico, sino también en los ámbitos político y cultural. Nos encaminamos hacia un acuerdo que rescate los valores que han enorgullecido a nuestra región a lo largo de su historia. En esta perspectiva, debemos volcar nuestras energías para su pronta materialización. La integración regional no es una fórmula mágica de solución a nuestros problemas, sino, más bien, un instrumento para impulsar el desarrollo conjunto de nuestros países. No es un proceso automático, es resultado de la sólida voluntad política de nuestros pueblos, es una construcción paciente cuya finalidad es liberar las enormes

potencialidades de nuestra geografía, economía, cultura y política. Chile asume este desafío de la integración con los países hermanos de América del Sur, y reitera su compromiso de caminar juntos en beneficio del desarrollo de nuestros pueblos.

Cooperación política Finalmente, en esta casa donde se discuten materias de interés público, quisiera hacer algunas reflexiones sobre el desafío de la política en los tiempos que vienen, presentando a nuestros países una compleja agenda para el siglo venidero. En mi país, y quizás también en Brasil, visualizamos como un desafío ineludible la construcción, más allá de las instituciones, de una sólida cultura democrática que sirva tanto para excluir la arbitrariedad por parte de la autoridad, como para impedir el avance de los populismos o de la demagogia. La próxima Cumbre Iberoamericana, que se realizará en Santiago de Chile en noviembre próximo, tendrá como tema central la gobernabilidad democrática. Los pueblos de América y de la Península Ibérica hemos iniciado un amplio camino de cooperación e intercambio en los planos económico y social. Es la hora de que cooperemos también en el ámbito político, compartiendo y aprovechando nuestras experiencias para profundizar la democracia en la Región. Quisiera enunciar ahora sólo algunas de las tareas pendientes, como una manera de contribuir a un debate que debe hacerse cada vez más rico y sólido. Una cultura democrática requiere fortalecer los partidos políticos, haciendo que cumplan cabalmente su papel de articuladores de las inquietudes ciudadanas y de eficaces capacitadores de los ciudadanos ante las exigentes tareas de la globalización y la competencia económica internacional y de los desafíos internos de cada país. Necesitamos simultáneamente partidos políticos fuertes y una sólida sociedad civil. La cultura democrática, igualmente, demanda una comprensión adecuada de los derechos y deberes ciudadanos; requiere de una ética pública y de una ética ciudadana. De esa manera enfrentaremos adecuadamente amenazas como la corrupción, fenómeno que puede llegar a destruir la fe en la política e incluso en la democracia. La corrupción facilita el camino para que un eventual caudillo autoritario se ofrezca para poner orden y limpieza en la sociedad. Debemos, también, hacer frente a un fenómeno de creciente desafección y apatía políticas que observamos en varios de nuestros países, y que puede derivar en una "democracia de espectadores". La política debe volver a ser considerada como una actividad noble, de servicio público. El desprestigio de la política sólo puede llevar a graves formas de retroceso social. Por ello, debemos invitar a los jóvenes a que asuman nuevas formas de expresión pública e impulsen nuevos estilos de hacer política. Pero, paralelamente, hay que renovar los fundamentos de la legitimidad democrática, haciéndola más eficaz y colocándola claramente al servicio de la gente. La política convertida en negocio, en espectáculo o en vedetismo, se erosiona a sí misma. Por lo tanto, tenemos que reafirmar la moral como un fundamento esencial del quehacer público. Estimados parlamentarios: El prestigio de la democracia descansa fundamentalmente en el

prestigio de vuestra función. Me formé esta convicción siendo Senador y hoy como Presidente la he acrecentado. Este es el lugar de la discusión de los grandes temas nacionales y también de las políticas públicas. Este es el lugar donde por excelencia se expresa de manera representativa el pluralismo político, social y religioso de una Nación. Este es el lugar de la sana crítica y de la necesaria fiscalización. Fortalecer los Parlamentos a lo largo y ancho de nuestra Patria latinoamericana es entonces un deber y un imperativo de los demócratas en la hora presente. **Palabras finales** Senor Presidente, Señores Representantes, Nuestra América está sembrada de democracias recuperadas. De todos nosotros depende que ellas continúen floreciendo. De todos nosotros depende que sean democracias transparentes, eficientes y modernas. De todos nosotros depende que sean democracias desarrolladas y justas; democracias sin exclusiones; democracias con crecimiento económico y equidad. De todos nosotros depende, en fin, que sean democracias cada vez más integradas entre sí para hacer frente eficazmente a los desafíos de la sociedad global del siglo XXI, de manera de generar para nuestros respectivos pueblos más paz, desarrollo económico y justicia social.” A seguir, o Presidente José Sarney determinou a publicação do discurso que seria pronunciado pelo Deputado **Benito Gama** e que tem o seguinte teor: “É para mim uma honra ter sido escolhido para, em nome da Câmara dos Deputados, saudar o ilustre visitante, o Presidente Eduardo Frei Ruiz-Tagle. Como Presidente do Grupo Parlamentar Brasil-Chile, sinto-me especialmente honrado dessa incumbência, pois o contato direto que o cargo me propicia com a realidade chilena e com membros do seu Legislativo aprofunda, sempre mais, a amizade e a admiração que nutro por esse país-irmão e seu povo. A presença do Presidente Eduardo Frei nesta Casa reveste-se de um significado próprio para as relações entre nossos dois países. É, sem dúvida, uma eloquente afirmação do papel preponderante que deve desempenhar o Poder Legislativo em sociedades plenamente democráticas, como pretendem a chilena e a brasileira. Chile e Brasil escreveram histórias paralelas, nas últimas décadas, intercambiando experiências e resultados, seja no campo político, seja no econômico, seja no social. Daí a justificativa para o intenso contato que sempre foi característico nas relações bilaterais, dele resultando um saldo altamente positivo, já que baseado, como princípio, no respeito mútuo, na não-ingêrência, e na cooperação. Neste momento, nossos países passam por processos semelhantes de renovação. Conhecemos bem o sucesso extraordinário das reformas que se vêm operando no Chile, que o têm levado a píncaros inéditos de desenvolvimento e a lugares privilegiados no cenário regional e mundial. A visita do Senhor Presidente Eduardo Frei e de sua comitiva serve, sem dúvida, para que a sociedade chilena que representam tome contato direto com a realidade brasileira, e dela possam formar um quadro mais preciso. Brasil e Chile formam sociedades complexas, com problemas políticos, econômicos e sociais atávicos. O momento presente é ímpar, já que se

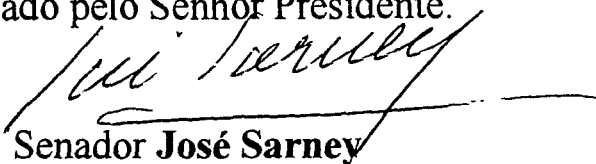
delineia claramente, tanto aqui como lá, um novo modelo de Estado no continente, estável e desenvolvido. Talvez o que mais impressione no recente processo de redemocratização do Chile sejam a sua singularidade e o modo com que foi conduzido: processo maduro, sem lugar para a iconoclastia e a retaliação inconseqüentes, tendo como meta primeira a reconciliação nacional, através da cooperação de todas as forças políticas e sociais do país. Os problemas, sabemos que foram muitos, e, sabemos também, muito semelhantes aos experimentados aqui. Reporto-me à entrevista concedida à revista *Veja*, na qual Eduardo Frei, recém-eleito, aponta dois grandes males comuns aos países latino-americanos: o "gigantismo do aparato estatal" e o descrédito da atividade política, que, em suas palavras, com as quais havemos todos de concordar, "se desprestigiou sobretudo por haver perdido parte de seu sentido ético". Este, o maior mérito da reforma do Estado, não só no Chile, como também permitam-me a opinião — aqui no Brasil: o de resgatar a credibilidade da via política como a mais adequada para atingir o desenvolvimento e o progresso. Foi, e ainda tem sido, como sabemos, um processo muitas vezes doloroso, mas inadiável, e que só poderia ter dado certo, repito, através da conciliação e da concentração de forças em uma única direção: a do progresso econômico e social da Nação, com a conseqüente melhora do bem-estar de seus cidadãos. Ao Presidente Eduardo Frei coube a tarefa crucial de dar continuidade ao esforço empreendido e ao plano iniciado por seu antecessor - com firmeza, não deixando que tendências extremistas de qualquer coloração ou origem pudessem pô-los a perder. Não era o desejo de um ou outro presidente, de um ou outro mandatário, mas, sim, o anseio de todo um povo, tradicionalmente afeito à liberdade, à paz, à justiça e ao progresso. Mas, se, por um lado, todo esse processo político foi, sem dúvida alguma, uma postulação do povo chileno, por outro, não há como negar que a materialização desses anseios somente poderia se dar através de homens, a um tempo, de alto senso patriótico, de grande capacidade administrativa e de incontestável liderança, como o Presidente Eduardo Frei. Os 60% dos votos recebidos em primeiro turno comprovam esta última afirmação; a realidade, as outras. Eduardo Frei não é motivo de orgulho apenas para o seu país, mas, sim, para toda a América Latina, representante que é de uma nova geração de políticos que vem surgindo em todo o continente, dotados de uma visão ampla e precisa da realidade regional e do papel que os países latino-americanos devem desempenhar na cena mundial. Não por acaso, seu gabinete ministerial compõe-se de uma significativa parcela de homens públicos de uma geração nova, criada nos momentos difíceis de bruscas mudanças de rumo da República Chilena, uma geração que soube filtrar todas as recentes experiências do país, delas tirar preciosas lições e pô-las em prática. Enfim, uma geração que teve diante de si o desafio de formar o novo Chile, como, com muita precisão comentava, dois anos atrás, o Senhor Heraldo Muñoz, Embaixador chileno em Brasília, na *Folha*

de São Paulo: "O desafio do Chile é progredir sobre a base dos acertos de todas as gerações passadas — sem esquecer as dores e os erros da história recente — de maneira a construir um país de todos e para todos. Um Chile olhando para o futuro e à altura dos desafios dos novos tempos." Os resultados são mensuráveis, os números falam por si, e impressionam, sobremaneira, com relação às recentes conquistas do povo chileno. Não é o caso agora de fazermos uma análise exaustiva do desenvolvimento econômico desse país, mas não podemos nos furtar a apresentar alguns dados, que justificam, cabalmente, a nossa admiração. Taxa de crescimento por volta de 8,4% no ano passado; inflação de 8,2% em 95, contra 28% cinco anos antes; renda *per capita* ultrapassando os US\$ 4.500 também no ano passado, com projeção de chegar aos US\$ 4.700 no ano 2000, meta do Presidente Eduardo Frei, mas passível de ser atingida até antes; reservas cambiais de mais de US\$ 15 bilhões nos últimos meses; superávit da balança comercial, em 95, em mais de US\$ 4 bilhões; poupança nacional atingindo 27% do PIB. Poderia me alongar bem mais nas estatísticas e dados econômicos positivos conseguidos pelo Chile nos últimos anos, mas seria apenas redundância trazê-los aqui: são eles bem conhecidos, e, por si sós, eles definem a realidade do novo Chile. O importante, aqui, é ressaltar o quanto o novo Chile representa na cena regional, e sua natural liderança na América Latina. Liderança que não se confunde — como também entendemos os brasileiros — com hegemonia, sentimento que sabemos ausente nas relações regionais. Antes que hegemonia, a posição coincidente de Brasil e Chile é de cooperação, tanto em nível bilateral quanto regional. Há razões para isso. A cooperação regional é hoje um imperativo mundial; a tendência vigente é a reunião dos países em blocos regionais, para, na união, se fortalecerem, sobretudo no campo comercial. Com a América Latina não haveria de ser diferente. O potencial que representa a América Latina é estupendo: reunindo cerca de 600 milhões de habitantes, está sendo objeto de atenção do resto do mundo como um grande mercado emergente. E, como o comércio é uma via de mão dupla, trata-se não só de 600 milhões de consumidores, como também de produtores em potencial. Mas, há um senão: a verdade é que ainda não somos 600 milhões de produtores e consumidores, pois grande parte da população em nossa América Latina ainda não atingiu patamares mínimos de renda para se definirem como tal. A luta contra o subdesenvolvimento em nosso continente é uma constante em todos os países, mas muito há ainda por fazer. De nada valerá desenvolvimento com baixa renda ou com desemprego, ou seja, não é nossa meta restringir o acesso ao conforto a apenas um reduzido número de latino-americanos. Aí não haverá desenvolvimento real. E, nesse ponto, o Chile poderá servir de exemplo para nós outros, líder que foi no processo de estabilização econômica e desenvolvimento na América Latina, e parceiro excepcional para o Brasil nas relações amplas da economia. Por sinal, o que podemos detectar, ao analisarmos as recentes relações

bilaterais, é uma real opção do Chile pelo Brasil. A atual visita do Presidente Eduardo Frei confirma tal entendimento. Basta que vejamos, ainda que de relance, a programação acordada, o tamanho e o alto nível da comitiva que o acompanha, e a agenda programada, para que tenhamos claro o peso atribuído pelo Chile ao Brasil. Basta, também, que, da programação de visitas, citeamos o encontro que se dará em Salvador e a ida a Juazeiro e Petrolina, para que os visitantes chilenos tenham contato direto com a nova realidade do Brasil, e, em particular, a nova realidade do Nordeste: não o Nordeste da miséria, da fome e da pobreza, mas, sim, o Nordeste com capacidade de gerar produção e riqueza. Por sinal, a agroindústria é uma das áreas mais abertas à cooperação bilateral, dadas tanto a coincidência quanto a diversidade de solos e clima de nossos dois países, o que propicia sobremaneira a complementaridade. As chances de cooperação são inúmeras, portanto; a complementaridade é patente; e os benefícios, para ambas as partes, seguro. A confiança mútua já existe, e se fortalecerá, ainda mais, com esta visita, que, certamente, se tornará marco nas relações bilaterais. A vontade política para tanto é inequívoca; os meios são vários, estão ao alcance de nossas mãos, e se estendem por todas as esferas da iniciativa privada e da administração pública. Neste ponto, os Legislativos do Brasil e Chile podem desempenhar papel de relevo. Na verdade, em nenhum Estado plenamente democrático as relações internacionais podem dispensar a atividade legislativa: na ratificação de acordos bilaterais ou multilaterais, na proposição de leis, no debate e na fiscalização de políticas. Nossos Legislativos dispõem de mecanismos excelentes para o incentivo das relações políticas e econômicas bilaterais. O Brasil tem a honra de sediar o Parlatino, foro de grande abrangência, onde o continente tem a oportunidade de promover debates em torno dos mais variados temas de interesse regional ou global: política, administração, economia, cultura — enfim, qualquer ramo da atividade de uma Nação ou grupo. O Parlatino, por sinal, é uma resposta à tendência mundial de regionalização, de aglutinamento de países com interesses comuns, e, sem dúvida alguma, presta um valioso serviço ao grupo latino-americano, como vem ocorrendo, sobretudo com a promoção de conferências temáticas e atividades culturais. Carece, no entanto, de maior poder decisório — este, de competência dos governos constituídos. E é então que se destaca outro tipo de órgão, que são os grupos parlamentares bilaterais. E é nesse sentido que vejo esta visita como oportunidade ímpar para que o Grupo Parlamentar Brasil-Chile, que me honra presidir, e sua contraparte, o Grupo Parlamentar Chile-Brasil, tendo à frente o ilustre parlamentar Juan Pablo Letelier, se tornem cada vez mais efetivos na atividade de incrementar nossas relações bilaterais. Poderão ser eles os interlocutores ou intermediários entre os Executivos de cada país e os Legislativos, em qualquer matéria que lhes afete. Deverão ser um canal privilegiado de comunicação entre os governos do Brasil e Chile em todos os campos. E sobretudo, um canal permanente,

pois o processo de desenvolvimento a que os dois países estão dedicados não se acaba no curto ou no médio prazo. Por isso, vem à lembrança, mais uma vez, a entrevista já mencionada do Senhor Presidente Eduardo Frei, pois nela seus comentários foram de excepcional clarividência, entre os quais este, resposta à indagação sobre se o Chile estaria tornando-se o primeiro país sul-americano a erradicar, definitivamente, o subdesenvolvimento, ao que respondeu Sua Excelência: "A experiência universal mostra que os países que foram capazes de vencer o subdesenvolvimento o fizeram através da manutenção de políticas econômicas e sociais de longo prazo, mais de vinte anos. E isso é o que fazemos hoje no Chile." Portanto, se classifiquei esta visita do Senhor Presidente Eduardo Frei como marco nas relações bilaterais, há que ter em mente que ela não representa um fato isolado, senão um processo continuado, que necessariamente haverá de se desdobrar, para uma real eficiência no fomento das relações bilaterais, a curto, médio e longo prazos. E é um marco tanto pela pessoa em si do Presidente Eduardo Frei quanto pelo país e pelo povo que ele representa, os quais, ambos, muito significam para o Brasil e os brasileiros. Alguns dos parlamentares presentes neste plenário são testemunhas da cordialidade daquele povo irmão, quando, no passado, dele precisaram o arrimo no momento do infortúnio do asilo. Hoje, tanto o Brasil quanto o Chile se encontram em situação política, social e econômica totalmente diferente de então, o que lhes vem angariando atenção e admiração mundial. Na verdade, o mundo volta-se para a América Latina pelo enorme potencial humano que ela apresenta, pelo magnífico acervo natural que detém e pelo que lhe pode oferecer dessa conjunção. Mas a América Latina também se volta, cada vez mais, para o mundo, por exigência imperativa do novo contexto global, que demanda uma aproximação mais efetiva entre países e continentes. E, como um radar, tenta captar os sinais de aproximação e analisá-los — e percebe que são muitos aqueles que para cá dirigem sua atenção. Em nome da Câmara dos Deputados, só nos resta reiterar a honra que é receber o ilustre Presidente Eduardo Frei Ruiz-Tagle, e garantir-lhe as portas abertas para o diálogo que aprofunde o nível, já denso, das relações entre nossos dois países. Ao povo chileno, aqui representado na figura do Senhor Presidente e de sua comitiva, só nos resta reiterar a afeição que nos une, a brasileiros e chilenos, e garantir-lhe o coração aberto para o aprofundamento dos laços, já apertados, de fraternidade que sempre nos uniram. Muito obrigado." Dando continuidade, o Presidente José Sarney teceu considerações sobre as relações dos dois países e agradeceu, em nome do Congresso Nacional, a visita de Estado ao Brasil do Presidente da República do Chile e a presença das autoridades civis, militares, diplomáticas e eclesiásticas. Antes de encerrar a recepção, houve troca de presentes e o ilustre visitante recebeu os cumprimentos dos Parlamentares e demais autoridades. Às onze horas e

cinquenta e cinco minutos o Senhor Presidente deu por encerrada a recepção. E, para constar, eu, ~~Raimundo Carneiro Silva~~, **Raimundo Carneiro Silva**, Secretário-Geral da Mesa do Senado Federal, lavrei o presente termo que vai por mim assinado e autenticado pelo Senhor Presidente.



Senador **José Sarney**
Presidente do Senado Federal

PÁGINA ORIGINAL EM BRANCO

COMISSÃO MISTA DE PLANOS, ORÇAMENTOS PÚBLICOS E FISCALIZAÇÃO
COMPOSIÇÃO: 63 DEPUTADOS E 21 SENADORES

PRESIDENTE: SENADOR RENAN CALHEIROS – PMDB-AL
1º VICE-PRESIDENTE: DEPUTADA YEDA CRUSIUS – PSDB-RS
2º VICE-PRESIDENTE: SENADOR LUCÍDIO PORTELLA – PPR-PI
3º VICE-PRESIDENTE: DEPUTADO PAULO BERNARDO – PT-PR

RELATOR DA LEI ORÇAMENTÁRIA ANUAL: DEPUTADO IBERÊ FERREIRA – PFL-RN

SENADORES

PMDB

TITULARES

SUPLENTES

Flaviano Melo	AC-3493/94	1 – Coutinho Jorge	PA-3050/4393
Ronaldo Cunha Lima	PB-2421/27	2 – Gilvam Borges	AP-2151/57
Onofre Quinan	GO-3148/50		
Casildo Maldaner	SC-2141/47		
Carlos Bezerra	MT-2291/97		
Renan Calheiros	AL-2261/67		

PFL

Waldeck Ornelas	BA-2211/17	1 – Carlos Patrocínio	TO-4068/69
Romero Jucá	RR-2111/17	2 – Jonas Pinheiro	MT-2271/77
José Alves	SE-4055/57		
Odacir Soares	RO-3018/19		
Vilson Kleinübing	SC-2041/47		

PSDB

Pedro Piva	SP-2351/53	1 – Lúdio Coelho	MS-2381/87
Jefferson Peres	AM-3061/67		
Lúcio Alcântara			

PPR

Lucídio Portella	PI-3055/57
------------------	------------

PP

João França	RR-3067/68
-------------	------------

PTB

Arlindo Porto	MG-2321/27
---------------	------------

PT

Eduardo Suplicy	SP-3970
-----------------	---------

PDE

Sebastião Rocha	AP-2241/47
-----------------	------------

PSB

Ademir Andrade	PA-2101/07
----------------	------------

PFS

Roberto Freire	PE-2161/67
----------------	------------

TITULARES

DEPUTADOS

SUPLENTE

PMDB

Silas Brasileiro	MG-3185932	1 - Albérico Filho	MA-3185554
Genésio Bernardino	MG-3185571	2 - Antônio do Valle	MG-3185503
Freire Júnior	TO-3185601	3 - Jorge Wilson	RJ-3185942
Edison Andrino	SC-3185639	4 - Nestor Duarte	BA-3185336
Fernando Diniz	MG-3185307		
Saraiva Felipe	MG-3185429		
Hélio Rosas	SP-3185478		
João Thomé Mestrinho	AM-3185583		
Laíre Rosado	RN-3185650		
Maurício Requião	PR-3185635		
Orcino Gonçalves	GO-3185335		
Paulo Ritzel	RS-3185222		
Pinheiro Landim	CE-3185636		

BLOCO (PFL-PTB)

Aracely de Paula	MG-3185201	1 - José Carlos Vieira	SC-3185713
Ciro Nogueira	PI-3185619	2 - Maurício Najar	SP-3185242
Osvaldo Coelho	PE-3185444	3 - Marilu Guimarães	MS-3185440
Antônio Joaquim Filho	MA-3185217	4 - Benedito de Lira (6)	AL-3185215
Iberê Ferreira	RN-3185609	5 - Bonifácio de Andrada	MG-3185235
Antônio dos Santos	CE-3185406		
Murilo Pinheiro	AP-3185305		
Luiz Moreira	BA-3185729		
João Mendes (1) (6)	RJ-3185831		
Nelson Marquezelli (1) (6)	SP-3185920		
Pedrinho Abrão	GO-3185918		
Philemon Rodrigues (5)	MG-3185226		
Alêxandre Ceranto	PR-3185948		
Efraim Morais	PB-3185638		
Aroldo de Oliveira	RJ-3185917		

PPR

Augusto Nardes	RS-3185530	1 - Célia Mendes	AC-3185615
Basílio Villani	PR-3185634	2 - Maria Valadão	GO-3185520
Felipe Mendes	PI-3185640		
José Carlos Lacerda	RJ-3185936		
Paulo Bauer	SC-3185718		
Paulo Mourão	TO-3185311		
Roberto Balestra	GO-3185262		

PSDB

Arnaldo Madeira	SP-3185473	1 - Cipriano Correia	RN-3185839
Ildemar Kussler	RO-3185614	2 - Mário Negromonte	BA-3185345
Aécio Neves (3)	MG-3185648	3 - Robério Araújo	RR-3185581
Jorge Anders	ES-3185362		
Márcio Fontes	RJ-3185346		
Pimentel Gomes	CE-3185231		
Herculano Anghinetti	MG-3185241		
Yeda Crusius	RS-3185956		

TITULARES	DEPUTADOS		SUPLENTE
-----------	-----------	--	----------

PT			
Celso Daniel	SP-3185479	1 – João Paulo	SP-3185579
João Coser	ES-3185514	2 – Paulo Rocha	PA-3185483
(Vago)			
João Fássarella	MG-3185283		
Maria Laura	DF-3185475		
Paulo Bernardo	PR-3185379		

PP			
José Janene	PR-3185608	1 – Nan Souza	MA-3185525
Augustinho Freitas	MT-3185722	2 – João Maia	AC-3185244
Márcio Reinaldo Moreira	MG-3185819		
Osvaldo Reis	TO-3185835		

PDT			
Giovanni Queiroz	PA-3185534	1 – Renan Kurtz	RS-3185810
Leonel Pavan	SC-3185711		
Antônio Joaquim	MT-3185829		
Sílvio Abreu	MG-3185211		

BLOCO (PL/PSD/PSC)			
Pedro Canedo	GO-3185611	1 – Francisco Horta	MG-3185540
Welinton Fagundes	MG-3185523		
Marquinho Chedid (4)	SP-3185736		

BLOCO (PSB/PMN)			
Gonzaga Patriota	PE-3185430	1 – Nilson Gibson (2)	PE-3185410
Alexandre Cardoso (2)	RJ-3185205		

PCdoB			
Sérgio Miranda	MG-3185462		

- (1) Substituindo os Deputados João Mendes (T) e Nelson Marquezelli (T), em 6-9-95 – Bloco (PFL/PTB) – CD
- (2) Substituindo os Deputados Nilson Gibson (T) e Alexandre Cardoso (S), em 12-9-95 – Bloco (PSB/PMN) – CD
- (3) Substituindo o Deputado Flávio Arns (T), em 13-9-95 – PSDB-CD
- (4) Substituindo o Deputado José Egydio (T), em 14-9-95 – Bloco (PL/PSD/PSC) – CD
- (5) Substituindo o Deputado José Rezende (T), em 14-9-95 – Bloco (PFL/PTB) – CD
- (6) Substituindo os Deputados Albérico Cordeiro (T), Nelson Marquezelli (T) e Vilmar Rocha (S), em 14-9-95 – (PFL/PTB) – CD

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

SESSÃO CONJUNTA

PREÇO DE ASSINATURA

SEMESTRAL

Assinatura s/ o porte.....	R\$31,00
Porte do Correio	R\$ 96,60
Assinatura c/porte	R\$ 127,60 (cada)
Valor do número avulso	R\$ 0,30

Os pedidos devem ser acompanhados de cheque pagável em Brasília, Nota de Empenho ou Ordem de Pagamento pela Caixa Econômica Federal – Agência 1386 – PAB-CEGRAF, conta corrente nº 920001-2 e/ou pelo Banco do Brasil – Agência 0452-9 – CENTRAL, conta corrente nº 55560204/4, a favor do

CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL

Praça dos Três Poderes – Brasília – DF
CEP: 70160-900

Maiores informações pelos Telefones (061) 311-3738 e 311-3728 na Supervisão de Assinaturas e Distribuição de Publicações – Coordenação de Atendimento ao Usuário.



EDIÇÃO DE HOJE: 24 PÁGINAS